

“VAMOS APRENDER JUNTOS”: HOMENAGEM À VERÔNICA (*IN MEMORIAM*)

Marcelo Manhães de Oliveira*

O meio acadêmico, como não poderia deixar de ser, é heterogêneo. É como um caleidoscópio que reflete a natureza humana, onde o graduando vai se deparar com motivações (ou desmotivações). E isso é muito positivo visto haver uma doxa a ser combatida, paradigmas que devem ser quebrados para o próprio bem da ciência.

Segundo Aristóteles, a natureza humana é pautada por duas espécies de excelência: a intelectual e a moral (ARISTÓTELES, 2001, p. 35). Ainda, afirma o filósofo que o homem é um animal naturalmente político (ARISTÓTELES, 1997, p. 13). Não há como sobreviver fora da Polis. Ele depende da convivência, primeiramente com a família, garantindo-lhe a manutenção da vida, suprindo-lhe as demandas financeiras e educativas, mas é na Polis que ele se desenvolve em plenitude. E como excluir a figura do professor dentro desse contexto político (o meio acadêmico)?

Há de se considerar que o professor é, antes de ensinador, um agente motivador do conhecimento. Motivar é, sem dúvida, muito mais difícil que apenas despender conteúdo em uma sala de aula. Conforme Freire “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”(FREIRE, 2003, p.47). A docência no ensino superior, portanto, não deve ser somente um despejamento de conteúdos, os quais, pressupõe-se, devem ser absorvidos pelo graduando de modo a pô-los em prática no exercício da profissão almejada. Deve ser também estimulada a pesquisa de modo a ampliar os conhecimentos. Dentro da pluralidade de métodos, didáticas, *modus operandi* de cada professor universitário, há também uma questão que pode parecer improfícua para alguns, mas que na verdade dever-se-ia ser observada como alta relevância, a paixão do docente em promover conhecimento.

Felizmente, como aluno do curso de graduação, encontrei na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora um corpo docente envolvido ao qual a paixão não é um elemento ausente nas salas de aula. Evidentemente, há diversas personalidades com as quais os alunos se deparam. Há professores que certamente deixam registrados nas faculdades por onde

* Doutorando em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Letras: Estudos Literários e Graduado em Letras pela mesma instituição (2015). Especialista em Aspectos da imaginação e do imaginário, assim como Literatura Infantil. É autor de diversos livros voltados para o universo infanto-juvenil. E-mail: mmanhaesdeoliveira@yahoo.com.br

passam, além de seu labor catedrático, nuances que marcam seus comportamentos, suas condutas. Alguns são pragmáticos, outros são interativos ou ainda distraídos, engajados, sérios ou divertidos, espontâneos, compenetrados. Entretanto, comum a todos, a paixão pelo que se faz. Nesse contexto certamente não se poderia deixar de destacar o nome da saudosa professora Verônica, uma entusiasta do conhecimento e da pesquisa.

Verônica Lucy Coutinho Lage graduou-se em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 1990, onde também concluiu o mestrado em 1995, alcançando o grau de doutora na mesma área em 2006 através da Universidade Federal Fluminense. Nesse ínterim, assumiu o cargo de professora adjunta na UFJF onde atuou como coordenadora do PPG-Letras: Estudos Literários, na gestão entre 2007 e 2010. Dentre as realizações como coordenadora do curso de pós-graduação, a Faculdade de Letras conseguiu o ISSN para a Revista *Ipotesi*. Também foi coordenadora da implantação e implementação do importante Programa Inglês sem Fronteiras da UFJF entre 2012 e 2014. Da ocasião de seu falecimento, professora Verônica atuava como líder do grupo de pesquisa Literatura comparada e outras manifestações culturais.

Enquanto aluno do curso de Letras, participei das aulas da professora Verônica em quatro matérias entre Língua Inglesa e Literatura Inglesa ao longo de minha jornada na graduação. Figura marcante, de voz empostada, professora Verônica entrava em sala quase sempre de forma apressada e esbaforida, embora, ao que me lembro, poucas vezes com atraso, e acenava para a classe dizendo um rotundo “*Hi, dear!*”. Ao dirigir-se a mim em sala ou quando a cruzava pelos corredores da faculdade de Letras, apesar da cadeira na língua inglesa, ela sempre me cumprimentava com um “*Hello, Marcello!*” mesclando inglês com o uso da pronúncia italiana ao dizer meu nome. Sempre tomei isso como carinho e gentileza.

Verônica era um desses professores de personalidade forte, falava o que pensava, doesse em quem doesse. Dona de um humor sagaz, costumava tecer alguns comentários jocosos que aliviavam os momentos tensos dos alunos durante a execução das tarefas em classe. Mas havia os dias em que também chegava em sala reclamando de *headaches* as quais faziam com que seu semblante se fechasse, mas nunca isso a impediu de prosseguir suas aulas, nem perder o humor completamente. De hábitos simples, sua presença na faculdade era sabida pois estacionava o velho Ford Escort perua de tom azulado metálico nas imediações, veículo incomum pois tratava-se de um automóvel da década de 90, aparentemente. Certa vez a vi em uma de suas caminhadas intensas pelo campus, segundo ela mais tarde informou, procurando reduzir algum sobrepeso. Aparelhava-se de um imenso *headphone*, pelo que me lembro e vinha ela cantarolando a passos largos em marcha.

Detentora de um inglês impecável, professora Verônica era rigorosa em suas avaliações,

exigente no cumprimento das tarefas pelos alunos. Suas aulas eram pautadas por um volume grande de informações, conteúdos, o que deixava os alunos de “cabelos em pé” nos períodos de provas, mas, recordo-me, momentos em que fora flexível por uma ou duas vezes quando nós, alunos, expusemos circunstâncias em que inviabilizavam a ministração de determinada avaliação em data programada no intenso cronograma. Portanto, ao contrário do que pudesse transparecer à primeira vista, professora Verônica não era intransigente como alguns presumiam.

Ao ministrar a Língua Inglesa, pautava-se muitas vezes em matérias extraídas de revistas ou *internet* que ela mesma distribuía aos alunos em cópias de *xérox* acerca de temas variados, atenuando as dificuldades dos *phrasal verbs* e das expressões idiomáticas. Debatia-se (em inglês) desde políticas sociais até ao que fazia menos mal ao organismo, *Coca light* ou *Coca diet*. Quase sempre terminava-se ouvindo ela sustentar seus argumentos finalizando com um sonoro “*No way, my dear!*”. Sendo uma defensora da cultura popular, volta e meia nutria os alunos de notas e artigos de periódicos da língua inglesa nos quais haviam *slangs* ou expressões populares. Salientava sempre que o inglês falado por um nativo diferia do inglês acadêmico e procurava reduzir esse espaço demonstrando a importância de se conhecer a língua além das esferas do inglês retórico.

Através das aulas de Literatura Inglesa da professora Verônica foram introduzidos ao nosso acervo intelectual a literatura medieval de Geoffrey Chaucer, *Os contos da Cantuária*, que apreciei bastante, muito embora Verônica, metódica em muitos aspectos, exigiu que o lêssemos na versão do inglês arcaico, o que nos dificultou o trabalho, mas permitiu que compreendêssemos a evolução da língua. Com *Beowulf*, de autor desconhecido, mergulhamos em um universo do imaginário que muito me atrai, mitologias. Aprendemos também um pouco sobre a obra do então desconhecido para mim, Christopher Marlowe, obscurecida pela genialidade incontestável de Shakespeare de quem também estudamos *Hamlet*, dentre outras.

Foi com Edgar Allan Poe, no entanto, matéria que não foi ministrada por ela, Verônica, que descobri termos algo em comum, pois era grande apreciadora da obra do autor, assim como eu, a qual debatemos em uma tensa tarde de teste oral individual que realizamos em um fim de período em Língua Inglesa. Lembro-me que ela havia escalonado os alunos em horários diferentes, dispensando quinze minutos para cada um. Não sabíamos ao certo em que consistia aquele teste, seu conteúdo era desconhecido. Ela comentou sobre um trabalho que havíamos feito anteriormente em sala, uma redação de tema livre sobre algum autor ou obra. Recordo-me que eu havia discorrido sobre Poe, autor norte-americano. Isso bastou para ampliarmos o nosso tempo em uma afável discussão sobre a *Filosofia da composição*, a perfeição do suspense e

terror de *A queda da casa de Usher*, minha preferida, a melodiosa construção dos poemas *The raven* e *The bells*. A discussão entusiasmada acabou por deixar-me descontraído alí, diante da exigente professora Verônica. Como não poderia deixar de ser, tudo isso expresso em um farto inglês que, ao meu ver estava conduzindo tudo perfeitamente. Além do mais, o tempo já excedido em cinco minutos ou mais, fez-me pensar que tudo estava muito prazeroso e o inglês oral fluindo sem dificuldades. Enquanto conversávamos descontraidamente, Verônica ia fazendo anotações. Suspeitei que a nota que me daria ao final seria substancial, um oito ou um nove, talvez, dada a espontaneidade e a delonga do debate. Por fim, professora Verônica fechou o teste dizendo “*Congratulations, Marcello!*”, usando a habitual pronúncia italiana para o meu nome, (fiquei feliz ao ouvir aquela palavra). Concluiu com “*You ’ve got a seven!*”.

Passei cerca de quatro anos sem ter aulas com a professora Verônica, a reencontrando por ocasião da minha opção por sua linha de pesquisa para o meu doutorado. Lembro-me que, depois de demonstrar amplo interesse na minha tese durante a entrevista, ela surpreendeu-me ao dizer algo como “Vamos aprender juntos”, pois ela desconhecia o assunto específico que iria tratar no tema. Confesso que, se por algumas vezes passou pela minha cabeça entendê-la como uma pessoa prepotente, visto às críticas que tecia vez por outra em sala de aula com relação a algum “inglês ruim”, meu (pré)conceito sobre a professora Verônica mudou no exato momento em que ouvi aquele “Vamos aprender juntos”. Compreendi que suas críticas ao “inglês ruim” eram pertinentes, proporcionais ao conhecimento que detinha da língua, o que a licenciava para tecer comentários, muitas vezes fazendo galhofas, porém sempre em busca de defender o conhecimento e à cultura que, ao que me parece hoje, era uma paladina. Infelizmente, aquele foi o último dia que a vi. Meses depois, ao iniciar o ano letivo, soube que havia se afastado por motivo de doença. Como orientadora no doutorado, jamais tivemos a oportunidade de nos encontrarmos para discutir assuntos pertinentes a minha tese. Mais alguns poucos meses, estava eu junto ao grupo de familiares e amigos da professora Verônica, a sepultando. Uma morte prematura e que com certeza desfalcou a cadeira de Língua e Literatura Inglesa da Universidade Federal de Juiz de Fora.

O fato é que ninguém, por melhor que seja em sua área profissional, é insubstituível. Entretanto, a presença da professora Verônica, andando apressadamente pelos corredores cumprimentando alunos e colegas com sua voz marcante, o hábito de fazer mofa para denunciar algum “inglês ruim”, as discussões acaloradas sobre assuntos diversos, deixaram de existir, partiram com ela. A propósito, desde que debatemos sobre o que fazia menos mal, se *Coca diet* ou *Coca light*, chegamos a conclusão de que ambas eram péssimas e tomamos a seguinte decisão: não mais consumir aquele refrigerante. Não sei se a professora Verônica permaneceu

firme nessa decisão. Quanto a mim, nunca mais fui capaz de ingerir a bebida.

Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4. ed. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

ARISTÓTELES. *Política*. 3. ed. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.